



Recebido: 07/06/2023 | Revisado: 28/02/2024 | Aceito: 03/05/2024 | Publicado: 29/05/2024

This work is licensed under a
Creative Commons Attribution 4.0 Unported License.

DOI: 10.31416/rsdv.v12i2.566

Reflexos do *urban jungle* no bem-estar subjetivo em tempos de pandemia da covid-19

Reflections of urban jungle on subjective well-being in times of the covid-19 pandemic

ARRUDA, Eduardo Martins de. Doutorando em Administração.

Universidade Federal da Paraíba - Campus I. Castelo Branco. - João Pessoa, PB - Brasil. CEP 58051900 / Telefone: (83) 32167454 / E-mail: eduardo.arruda73@gmail.com

NÓBREGA, Flaviana Santos da. Mestre em Administração.

Universidade Federal da Paraíba - Campus I. Castelo Branco. - João Pessoa, PB - Brasil. CEP 58051900 / Telefone: (83) 32167454 / E-mail: flavianasn@gmail.com

SOUZA, Taciana Rita Santos. Mestre em Administração.

Universidade Federal da Paraíba - Campus I. Castelo Branco. - João Pessoa, PB - Brasil. CEP 58051900 / Telefone: (83) 32167454 / E-mail: taciana.souza@ifsertao-pe.edu.br

ABREU, Nelsio Rodrigues de. Doutor em Administração. Docente em Administração.

Universidade Federal da Paraíba - Campus I. Castelo Branco. - João Pessoa, PB - Brasil. CEP 58051900 / Telefone: (83) 32167454 / E-mail: nelsio@gmail.com

RESUMO

O presente estudo aborda percepções de bem-estar subjetivo e qualidade de vida por pessoas interessadas na temática de cultivo doméstico de plantas. Nesse sentido, a motivação maior para estudo se deu em virtude do cenário da pandemia de covid-19. Uma vez que em meio ao isolamento social e a necessidade de passar mais tempo em casa, o próprio sentido de lar e moradia foi ressignificado para muitas pessoas. Naturalmente alguns hábitos ou hobbies foram intensificados ou até mesmo descobertos por algumas pessoas durante a pandemia. Desse modo o objetivo principal deste trabalho é verificar o consumo do cultivo de plantas nos lares durante o momento de pandemia da Covid-19 e suas contribuições para o Bem-Estar Subjetivo. A pesquisa está pautada na abordagem qualitativa, viés exploratório e análise do conteúdo. A coleta de dados ocorreu em dois momentos, formulário do Google Forms e realização de grupo focal. Ao final, constatamos aumento de interesse e desejo das pessoas em ter plantas em seus lares associado a sentimentos de bem-estar subjetivo otimização do estado emocional.

Palavras-chaves: Urban Jungle, Cultivo doméstico de plantas. Pademia Covid-19. Bem-estar subjetivo.

ABSTRACT

The present study addresses perceptions of subjective well-being and quality of life by people interested in the topic of home plant cultivation. In this sense, the greatest motivation for the study was due to the Covid-19 pandemic scenario. Given that in the midst of social isolation and the need to spend more time at home, the very sense of home and housing has been given new meaning for many people. Naturally, some habits or hobbies were intensified or discovered by people during the pandemic. Therefore, the main objective of this work is to verify the consumption of plant cultivation



in homes during the Covid-19 pandemic and its contributions to Subjective Well-Being. The research is based on a qualitative approach, exploratory bias and content analysis. Data collection took place in two stages, a Google Forms form and a focus group. In the end, we found an increase in people's interest and desire to have plants in their homes associated with feelings of subjective well-being and optimization of their emotional state.

Keywords: Urban Jungle, Domestic plant cultivation. Covid-19 pandemic. Subjective well-being.

Introdução

Ao término do mês de dezembro de 2019, com o surto da doença Coronavírus 2019 (COVID-19) em Wuhan na China, a Organização Mundial da Saúde (OMS) em 30 de janeiro de 2020 declara a COVID-19 como estado de emergência de saúde pública. E, em decorrência do número de casos da doença em diversos locais no mundo, passou-se a caracterizá-la como pandemia em 11 de março do mesmo ano, dada a forma de disseminação sem fronteiras para a população mundial (YU *et al.*, 2020).

Em decorrência da COVID-19, doença infecciosa e altamente transmissível entre seres humanos (THULER; MELO, 2020), a população mundial sofreu mudanças significativas em seus hábitos e rotinas. Para Reis, Reis e Nascimento (2020), de um lado, o isolamento social passou a ser recomendado para controlar o progresso da doença, mas por outro contribuiu para desencadear o surgimento dos mais variados problemas de saúde, a exemplo da solidão, depressão e estresse. Assim, segundo estes autores, as práticas de cultivo de plantas podem ser uma alternativa para amparo no trato de doenças mentais e recuperação de doentes contribuindo para que as pessoas se sintam melhor durante este momento de isolamento social ocasionado com a pandemia.

Portanto, verifica-se a ocorrência de novos hábitos de consumo em relação ao que consumir, quando e onde (SHETH, 2020). Reis, Reis e Nascimento (2020) destacam que com a pandemia, as pessoas têm procurado uma conexão com a natureza e o desenvolvimento de atividades relacionadas à jardinagem, horticultura, produção e compra de arranjos de flores mostraram-se importantes aliados na manutenção e restabelecimento da saúde. Por conseguinte, com a pandemia os consumidores passaram a empreender esforços individuais e/ou coletivos para maior promoção em relação aos modos de vida objetivando alcançar elementos que pudessem melhorar suas experiências de vida (SHETH, 2020).

Nesta direção, as pessoas mudam seus hábitos de consumo e algumas tendências já existentes são intensificadas, a exemplo do *Urban Jungle*. De acordo com Guimarães e Ganske (2016) a cidade concebida como cenário do cotidiano dos seus moradores vem passando por transformações que direcionam novos olhares quanto ao modo de viver de maneira mais sustentável. Assim, segundo os autores, o *Urban Jungle* ou Selva Urbana (tradução livre) é uma tendência que surge frente à necessidade de maior aproximação das pessoas com o verde, de modo que há uma valorização quanto à inclusão da natureza para dentro dos lares.

Ainda em Reis, Reis e Nascimento (2020) afirma que mesmo que se compreenda a importância do contato das pessoas com a natureza, observa-se que nos centros urbanos esta



conexão é reduzida em decorrência de que cada vez mais as pessoas residem em locais pequenos e cercados de concreto. E, com pandemia a ida a parques com áreas verdes, por exemplo, é limitada, ocasionando uma privação com a natureza.

Desse modo, o objetivo principal deste trabalho é verificar o consumo do cultivo de plantas nos lares durante o momento de pandemia da Covid-19 e suas contribuições para o Bem-Estar Subjetivo (BES). Consideramos como elemento motivador para realização deste estudo, o pensamento que o cultivo de plantas em casa tem contribuído para melhoria do estado emocional e qualidade de vida das pessoas durante a pandemia.

Conforme disposto por Brindley, Jorgensen e Maheswaran (2018), os benefícios dos espaços verdes são preponderantes nos índices de saúde das pessoas, incluindo diminuição da obesidade, estresse, sofrimento psicológico, depressão e ansiedade. Deng e Deng (2018) ressaltam que trazer a natureza e integrá-la aos espaços internos proporciona aos seres humanos maior envolvimento com áreas verdes e benefícios para sua saúde e conforto, de modo que a conexão com a natureza integra o processo de desenvolvimento humano. Partindo-se de elementos relacionados ao *Urban Jungle* e ao bem-estar subjetivo, a coleta de dados ocorreu de duas maneiras: formulário online e grupo focal online, conforme serão detalhados adiante.

REFERENCIAL TEÓRICO

Bem-Estar Subjetivo

As palavras felicidade e bem-estar, frequentemente, são usados de maneira equivalentes (DIENER *et al.*, 2018). Quanto a palavra felicidade, pode ser considerada como objetivos dos indivíduos, algo mais particular, algo de acordo com a percepção de cada um. Assim, os indivíduos procuram a felicidade em vários momentos da vida (MOGILNER, 2019). Isso envolve sentir que a felicidade está presente na vida, mais de forma positiva do que negativa, e com uma visão geral, ao perceber que a felicidade é bastante significativa e satisfatória (DIENER *et al.*, 2018; MOGILNER, 2019).

A procura pela felicidade, muitas vezes se dá constantemente através do consumo, sendo comparada a algo hedônico (BRICKMAN; CAMPBELL, 1971). Assim, cada ato de consumo, o sentimento de felicidade aumenta temporariamente, sendo os sentimentos retomados em seguida ao estado normal. Isso contribui para que aconteça um ciclo de consumo eterno, pois os indivíduos sempre estarão buscando novas experiências ao consumir bens e serviços, para manter um nível de felicidade alto, com uma ideologia de consumo que reflete no comportamento de compras, e, no bem-estar subjetivo. As discussões empreendidas na literatura acerca do bem-estar subjetivo enfatizam como a felicidade é percebida como o maior bem e motivação para a ação humana. Assim, observa-se como os julgamentos cognitivos e reações afetivas influenciam na vida das pessoas (DIENER, 1984).

Alguns cientistas que analisam o comportamento humano, têm focado em estudos sobre o bem-estar, que levam os indivíduos a avaliarem suas vidas como algo raro, valioso,



recompensador, de forma subjetiva, designando de bem-estar subjetivo, que é a forma como os indivíduos avaliam e ponderam a própria vida (DIENER *et al.*, 2018). Compreendido como os indivíduos avaliam não somente a própria vida, mas também como analisam o próprio crescimento, desenvolvimento, significado, propósito, (HOMAN, 2016).

O conceito de Bem-Estar Subjetivo (BES) surge já no final dos anos 1950 a partir de discussões voltadas para a qualidade de vida. Neste contexto, o BES torna-se um importante indicador para a satisfação com a vida e o interesse dos pesquisadores não está restrito apenas a descrever o que torna as pessoas mais felizes, mas o que de fato orienta a compreensão dos elementos que suportam a felicidade. Dessa forma, a definição do conceito de Bem-Estar Subjetivo forma um balanço entre emoções positivas e emoções negativas (SIQUEIRA; PADOVAM, 2008).

Nesse sentido, a dimensão afetiva faz referência a forma como os indivíduos julgam suas emoções em busca de satisfação, em contextos abrangentes, que analisa do básico ao complexo, como satisfação pessoal à satisfação no trabalho. Quanto à dimensão negativa, envolve emoções de culpa, tristeza, vergonha, são emoções que influenciam negativamente no *self* dos indivíduos. Destaca-se que um nível de bem-estar subjetivo elevado, dá-se quando o indivíduo analisa e reconhece a satisfação de forma global com a vida, com mais emoções e vivências positivas (MENDONÇA, 2014; DIENER, 2016).

O Bem-Estar Subjetivo está relacionado à ideia do que se constitui como qualidade de vida e os elementos que são desejáveis para as pessoas acreditarem que vivem bem. Assim, a conceituação para a qualidade de vida é democrática na proporção em que os indivíduos possuem o direito de escolha para uma vida plena. Logo, a definição para a abordagem do Bem-Estar Subjetivo (*Subjective Well-Being* - SWB) está relacionada às avaliações que as pessoas fazem para suas vidas, de modo que experimentam bem-estar quando se encontram envolvidas com atividades que tragam emoções prazerosas, cognitivas e afetivas e ausência de sofrimento (DIENER, 2000).

Salienta-se que na vida dos indivíduos, o ideal é manter um equilíbrio entre as emoções positivas e negativas (ENGLISH; CARSTENSEN, 2015). Zanon e Hutz (2014) mencionam que a frequência das emoções e a intensidade dessas mesmas emoções afetam a vida delas, que influencia diretamente no bem-estar subjetivo. Diante disso, Hutz, Zanon e Bardagi (2014) afirmam que a forma como os indivíduos avaliam suas vidas, pode mudar a depender daquele momento de humor e situação deles, envolve um contexto e sentimentos, no entanto, o que prevalecerá serão as lembranças mais estáveis no momento de avaliar a própria vida. Com isso, Lague, Gallon e Cerutti (2019) supõem que, de maneira ampla, pessoas satisfeitas com a vida possuem um elevado nível de bem-estar.

De acordo com Diener (2000) o bem-estar subjetivo propõe três aspectos: A subjetividade, que envolve experiências sobre situações de si; o entendimento, que destaca que o bem-estar subjetivo não é somente ausente de emoções negativas, mas presença de emoções positivas, em medida global, como o próprio aspecto enfatiza, são contextos globais, não somente algo individual e limitado de uma parte da vida.



Algumas variáveis influenciam diretamente no bem-estar subjetivo, como o ambiente, na qual estamos inseridos, contribuindo para a qualidade de vida, de forma positiva ou negativa (DIENER, 2000). Diante desse contexto, o ambiente precisa estar de acordo com as necessidades e estilo de vida dos indivíduos, convergindo com os gostos, preferências, modo de viver, que influenciem diretamente e positivamente no bem-estar subjetivo. Seguindo este pensamento, acreditamos que muitos indivíduos possuem um ambiente doméstico, repleto de plantas, como uma forma (nem sempre consciente) de aumentar sua percepção de bem-estar.

Interação pessoas-plantas

As coisas que são adquiridas pelas pessoas além de suas funções são concebidas como possuidoras de significados pessoais e sociais, de modo que o simbolismo de um bem está relacionado ao que este consumo representa para o indivíduo (LEVY, 1959). Por conseguinte, a formação de uma cultura de consumo encontra-se relacionada com os impactos ocasionados no bem-estar das pessoas. Gabriel e Lang (2008) destacam que o consumismo passou a ser uma preocupação com os padrões de consumo e escolhas e ter bens materiais é sinônimo de felicidade e sucesso, mas que movimentos anticonsumo surgem em oposição ao consumo capitalista.

Estudos como o realizado por Barrozo et al. (2022) corroboram com o pensamento que acontecimentos como a pandemia para muitas pessoas criam um estado de reflexão sobre o propósito de vida. Nesse contexto, algumas atividades podem ser ressignificadas de valor, tais como: jardinagem, contato com a natureza, artesanato, cuidar da saúde, busca pelo autoconhecimento, voluntarismo, etc.

Observa-se como as relações familiares e sociais contribuem de forma significativa para mudanças nos hábitos de consumo, de modo que influenciam não apenas no comportamento humano, mas também nos discursos e práticas comerciais. Assim, com a “revolução do consumo” empreendida por essas relações socioafetivas despertam necessidades e desejos a serem experienciadas pelos consumidores (ZALEWSKA, 2015; CASTELLÓ; MIHELJ, 2018). Logo, o que se percebe é que as pessoas compram não só pela utilidade, mas pela representação que o bem possui (LEVY, 1959), já que as pessoas atribuem significados ao seu consumo, ou seja, ao simbolismo atrelado ao produto (BELK, 1988). Face ao exposto, verifica-se como o simbolismo molda as relações de consumo e impulsiona os indivíduos para a compra de um produto ou serviço influenciando assim em sua filosofia de vida. Portanto, o significado que o cultivo de plantas representa na vida das pessoas são preponderantes para o consumo desta “Selva Urbana”.

Deng e Deng (2018) ressaltam que trazer a natureza e integrá-la aos espaços internos proporciona aos seres humanos maior envolvimento com áreas verdes e benefícios para sua saúde e conforto, de modo que a conexão com a natureza integra o processo de desenvolvimento humano. Assim, a interação pessoas-plantas com o contexto da pandemia mostra-se como uma opção na melhoria da saúde física e mental, inclusive durante o período de isolamento social em decorrência da COVID-19 (REIS; REIS; NASCIMENTO, 2020).



É importante destacar a importância dos jardins não é de hoje, sempre estiveram presentes na história da humanidade. Desde os jardins suspensos da babilônia até os parques da atualidade, o homem encontra nesses locais refúgio, inspiração e contemplação da natureza. Conforme Da Silva (2014), o homem cultiva plantas com diferentes propósitos como alimentício, medicinal, sensorial, ornamental e como matéria-prima para a indústria ou artesanato. Os jardins também se constituem com ambientes de lazer, interação social e possuem ação terapêutica sobre o bem-estar psicológico das pessoas. Diversos estudos relatam a influência positiva de jardins, como elemento humanizador; em hospitais, casas de reabilitação, escolas, clubes, ambientes corporativos, etc.

Autores como Beldade(2015) e Viebrantz (2019) enfatizam a presença de plantas nos ambientes residenciais ou coletivos pela contribuição na purificação do ar, remoção de toxinas, liberação de oxigênio, controle da temperatura, ajuda no isolamento acústico, redução da fadiga e do estresse.

Já Wilson (1989) conceituou a Biofilia como uma predisposição que o ser humano tem para o que é natural. Ou seja, o homem possui genes que nos fazem relacionar o contato com a natureza como algo familiar, algo benéfico. Somos mais felizes quando temos a natureza ao nosso redor. Seja em casa, no trabalho ou na rua, parques, etc.

Vale destacar que com o processo de urbanização, muitas cidades tornaram-se verdadeiras selvas de pedras. Para Souza (2021) o processo de verticalização residencial afetou drasticamente a paisagem de muitas cidades brasileiras nas últimas décadas. Principalmente no tocante as casas residenciais que antes possuíam jardins e quintais e em alguns casos até jardins internos na edificação, deram lugar a prédios cada vez mais altos. Vale destacar que prédios mais antigos havia menor preocupação de inserção de áreas verdes.

Na década de 90 ocorreram marcantes conferências e debates mundiais sobre a importância de cuidar do meio ambiente, como a RIO-92. Historicamente foi um momento decisivo de tomada de consciência ambiental por meio das nações (CARDOSO, 2002). No âmbito individual, encontramos pessoas com diferentes visões sobre o cuidado do meio ambiente. Para os mais jovens, essa consciência já ocorre desde muito cedo através da inserção de conteúdos como preservação do meio ambiente e sustentabilidade na escola.

Conforme Nunes (2022), nos últimos anos tem se verificado o maior interesse por cultivo de plantas dentro de espaços pequenos, como apartamentos, lofts e até escritórios. Curiosamente, o hábito de cuidar de plantas antes associado como preferência das pessoas mais velhas, passou também a ser expressivo na vida dos mais jovens (BARROZO et al., 2022).

Josifovic e Graaff (2021) apontam que a paixão em viver com plantas em casa levou a criação do *Urban Jungle Bloggers* em 2013. Segundo eles, o *Urban Jungle* não é uma tendência, as plantas de interior adentraram na vida das pessoas e vão continuar. Assim, viver com plantas não é somente destacar sua beleza, mas existem outros elementos associados às áreas verdes em que as plantas em casa possuem efeitos significativos na saúde e na vida das pessoas com a “Selva Urbana”.

É válido salientar que, segundo os criadores do blog, dada a participação dos leitores em



ARRUDA, E. M.; NÓBREGA, F. S.; SOUZA, T. R. S.; ABREU, N. R. Reflexos do urban jungle no bem-estar subjetivo em tempos de pandemia da covid-19. *Revista Semiárido De Visu*, V. 12, n. 2, p. 876-894, maio 2024. ISSN 2237-1966.

relação os destaques por eles realizados para a comunidade verde no blog *Urban Jungle Bloggers*, passaram a documentar o amor que possuíam com plantas também em uma conta no Instagram sendo que a hashtag “#urbanjunglebloggers” se tornou uma das mais populares para as discussões em relação a “plantas de casa”.

O *Urban Jungle* é uma tendência mundial dos centros urbanos que se caracteriza por preencher ambientes internos privados, como apartamentos e escritórios, com plantas. O movimento além de ser percebido como uma tendência que veio para ficar no design de interiores. É também para muitos dos seus adeptos um modo de pensar o conceito de lar e uma filosofia de vida (GUIMARÃES et al., 2016; JUNQUEIRA, 2021).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem adotada foi a qualitativa, que segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013) é conduzida no ambiente natural em que os participantes estão inseridos e são apropriadas quando o pesquisador busca explorar o fenômeno a ser estudado a partir das experiências e pontos de vista dos indivíduos. Esta é uma pesquisa de enfoque qualitativo e se constitui em uma perspectiva interpretativista fundamentada em análise de conteúdo sob os relatos coletados em relação ao cultivo de plantas durante o processo de isolamento social.

A coleta de dados ocorreu em duas etapas: formulário online (etapa I) e grupo focal (etapa II). A primeira etapa da coleta de dados foi realizada sob o contexto de um ano e três meses após o início da pandemia de covid-19, especificamente entre os meses de julho e agosto de 2021. Já a segunda etapa ocorreu no mês de dezembro de 2022. O intervalo de tempo entre a etapa I e a etapa II, permitiu que novos *insights* pudessem ser observados sobre a continuidade do interesse pelo cultivo de plantas pós período pandêmico dentro dos lares.

Na etapa I, foi criado um formulário por meio da plataforma Formulário Google® contendo cabeçalho para preenchimento de dados sociodemográficos dos respondentes. O sigilo e anonimato dos respondentes foram assegurados, assim como o direito de desistir da pesquisa a qualquer momento antes da sua finalização. O formulário foi seguido por perguntas abertas sobre o interesse dos participantes com o cultivo de plantas em suas moradias e exploração dessa relação durante a pandemia. Foi realizado pré-teste e alguns ajustes foram realizados antes da disponibilização do formulário de forma pública, o tempo previsto para respostas ficou entre 4 a 8 minutos.

Optou-se pelo uso do google forms por ser uma das plataformas mais utilizadas em pesquisas acadêmicas e de mercado, com fácil acesso, permitindo o envio do link por meio do WhatsApp®, Instagram®, e-mail e outras redes sociais dos autores. A coleta de dados baseou-se na técnica conhecida por snow ball (bola de neve), ou seja, os autores indentificaram pessoas do ciclo de amizade que seriam potenciais candidatas a participar. Estes, por sua vez, indicavam outras pessoas aptas a participarem da pesquisa e assim sucessivamente. Ao todo, foram coletados 63 formulários respondidos, alguns estavam incompletos ou apresentavam falhas por não atender ao requisitos de idade, grau de interesse pela temática e localidade. Sendo assim,



alguns formulários foram excluídos da pesquisa. Restando, ao final, 56 formulários válidos.

Na apresentação do formulário foi informado os critérios para participar da pesquisa: faixa etária adulta (18-59 anos), estar cultivando plantas durante pelo menos os últimos meses que antecederam a pesquisa, residir na região metropolitana de João Pessoa-PB. A faixa etária foi sugerida por entendermos que menores de idade geralmente não tem independência econômica e o consumo está vinculado aos interesses dos responsáveis. Por outro lado, a pesquisa não incluiu os idosos, pois consideramos que o cultivo de plantas é tradicionalmente considerado um hábito comum entre os mais velhos, independentemente da pandemia.

O formulário original continha nove questões de modo a melhor entender o envolvimento dos participantes com plantas. A pergunta sobre experiência do respondente com plantas diante da pandemia foi posta de forma sutil no instrumento de coleta. De modo a não enviesar os respondentes a um determinado padrão de resposta, assim como o próprio título da pesquisa foi apresentado como “Pesquisa sobre o cultivo doméstico de plantas”.

Na etapa II, foi realizado grupo focal online com sete participantes por meio de sessão do Google Meet com duração de 1h30min. Algumas questões após etapa I mereciam ser melhor exploradas. A técnica de grupo focal apresenta algumas vantagens como interação entre pessoas com interesses afins, compartilhamento de experiências e dicas. Contudo, é uma técnica que exige mais esforço e densificação para o pesquisador. Pois demanda condução do debate de modo a evitar dispersão por parte dos participantes. Importante também que se consiga criar um ambiente agradável e convidativo para que todos se pronunciem de forma coordenada e sem embaraços. Para o grupo focal foram convidados dez pessoas, na data combinada sete participantes estiveram presentes. Alguns já haviam participado da etapa I e outras sugeriram por indicação da rede de contato dos autores. O primeiro autor deste artigo atuou como mediador do grupo focal e algumas novas questões foram trazidas para o debate como dificuldades no dia a dia ao cuidar das plantas como necessidade de viajar, gastos financeiros e consumo com plantas, pontos positivos e negativos.

Aproximadamente 80% dos respondentes das duas etapas informaram possuir nível superior e quase metade deles possuem pós-graduação. No tocante a formação e ocupação profissional, tivemos uma diversidade significativa de profissões. Quando questionados sobre a presença de plantas dentro de casa, tivemos relatos que podemos separar nas seguintes categorias: memória afetiva, interesse por plantas na pandemia, sensações percebidas pela interação humano-planta.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dentre os resultados da coleta de dados nas etapas I e II, percebe-se que para alguns participantes a temática remete a uma espécie de resgate da infância para admiração e cultivo de plantas. Como destaca Ryan (2012), as recordações da infância, incluem detalhes de sentimentos, de felicidade, que ultrapassam o sentido da visão, são momentos lembrados por



toda uma trajetória de vida. Conforme veremos no quadro 1, a experiência com plantas em casa pode resultar para alguns respondentes em sensações de resgate de recordações da infância e juventude.

Percebe-se, conforme o quadro 1, que existe uma representação simbólica no cultivo de plantas proporcionado pela família, como uma necessidade de manter uma tradição. Ou seja, uma influência familiar no cultivo de plantas, vai além de gosto pelo cultivo de plantas, é uma herança simbólica. Por meio das respostas, nota-se que esse resgate de vivências da infância é uma construção de identidade. Representa um sentimento de orgulho pela continuidade da herança do cultivo de plantas, com uma continuação de uma tradição e sentimento de nostalgia (PIACENTINI: MAILER, 2004; JYRINKI, 2012).

Um estudo sobre nostalgia, de caráter fenomenológico e interpretativista, foi realizado por Schindler e Holkrook (2003), identificaram associações da nostalgia, como lar, pessoas amadas, experiências sensoriais, amizades, fuga, entretenimentos, entre outros. Ou seja, confirmando as evidências nessa pesquisa sobre a nostalgia, com associação ao lar, a herança familiar e experiências sensoriais. O sentimento de nostalgia tende a melhorar sentimentos ruins e causar bem-estar (HOLBROOK, 1993). Assim como, nas respostas, percebe-se um prazer em cultivar plantas, o que influencia no bem-estar subjetivo dos respondentes, indo ao encontro da dimensão subjetividade, definida por Diener (2000), como algo próprio da experiência individual.

Quadro 01 - Memória Afetiva

Memória Afetiva (passado):

“Desde à infância, com minha vó, tinha um jardim na casa que morávamos. Lembro bem do cuidado dela com as plantas. Quando me casei, aos 17 anos, meu companheiro e eu sempre tivemos plantas em nosso apartamento. Depois da viuvez, e já morando só, com minha vó falecida, penso que cultivo plantas pra tentar preservar de alguma forma as boas memórias da minha vida.”

“O interesse por plantas começou desde a infância quando presenciava meu pai plantando frutíferas e hortaliças e minha mãe cuidando do jardim. Quando adoecemos, bebíamos chás e melhorávamos. O jardim ficava bonito e perfumado.”

“Sempre, já nasci gostando de plantas e cresci numa casa que o jardim aquecia a alma.”

“Surgiu da necessidade de dar continuidade aos cuidados que minha mãe tinha com suas plantas e que por motivos de saúde, ficou impossibilitada de cuidar delas. Daí nasceu minha paixão por suas plantas.”

“Desde criança meus avós me ensinaram a importância das plantas, desde árvores frutíferas no quintal, um jasmim no terraço, quanto ao cultivo de legumes e hortaliças. Esse amor foi preservado pelos meus pais, que mesmo em apartamento, tinham plantas na varanda e algumas hortaliças na área de serviço. Hoje, eu ainda faço isso no meu apto.”

“Eu gosto de vários tipos de plantas. Se eu tivesse espaço, teria muito mais...Tenho espécies que são meu xodó, são as mesmas que tinham na casa da minha vó e nas minhas tias. Cultivar essas mesmas plantas aqui na minha casa é reviver o meu passado, é como se fosse um móvel de família. Uma tradição que tento passar para meus filhos.”

Fonte: (Dados da pesquisa, 2023)



A pesquisa acabou revelando que muitas pessoas se interessam por plantas, depois que ganham uma planta/muda de presente de amigos e familiares, relatado nas respostas *“À partir de uma Orquídea que ganhei. Há uns 5 anos.”*, *“Influência das pessoas próximas. 8 meses.”* Destaca-se que, às vezes, as pessoas possuem vontade de ter plantas. No entanto, temem não saberem cuidar e deixá-las morrerem. Isso muda quando recebe de presente e começam a ter êxito no cultivo. Sentem-se assim estimuladas a cultivarem cada vez mais. Outros relatos evidencia que o interesse por plantas em casa surgiu de forma mais sutil, baseado em modismo e tendências atuais de decoração. No entanto, os mesmos participantes afirmaram que já não conseguiriam mais abrir mão do hábito de ter plantas naturais dentro de casa.

Além de carga de herança percebidos nas respostas, observou também o consumo do cultivo de plantas iniciado e intensificado durante a pandemia (Covid-19), conforme trechos dos relatos.

Quadro 02 - Interesse por plantas na pandemia

Interesse por plantas na pandemia

“O interesse surgiu no segundo semestre de 2019, por ocasião da pandemia que, entre tantas reflexões, nos fez olhar para o nosso lar não mais como um local de passagem ou dormitório, mas um lugar de convívio e identidade.”

“Há poucos meses, por ter mais tempo em casa acabei me interessando mais por plantas.” *“Nessa pandemia, há mais de um ano, moro em apartamento...”*

“Sempre tive, mas eram poucas. Com a pandemia o interesse aumentou muito.”

“Sempre tive interesse em plantas pela influência da minha mãe que tinha um jardim belíssimo. Porém em 2020 durante a pandemia foi quando realmente eu comecei a cultivar e apreciar com mais detalhes as plantas.”

“Surgiu a partir de grupo de amigas nessa pandemia, há mais ou menos uns 8 meses.”

“Iniciaram na pandemia, não tinha plantas em casa...”

“Surgiu faz cerca de 3 anos e se intensificou no último ano de pandemia.”

“Já gostava, mas depois da pandemia virou um vício. Acordo de manhã e já corro para ver como minhas plantinhas estão.”

“Passei por momentos difíceis na pandemia: um misto de tristeza, perdas, angústia, dificuldade financeira e depressão... Busquei atividades no YouTube que pudessem me distrair. As minhas



plantas e meus pets foram tudo para mim nesse período.”

“Não percebi diferença na pandemia, não... Algumas morreram e comprei/ganhei outras plantas”

“Durante a pandemia, comprei várias plantas e intensifiquei a pesquisa por informações a respeito dos cuidados básicos...”

“Foi exatamente esse período que me motivou a comprar plantas e ganhei algumas mudinhas também.”

“Só aumentando a quantidade de plantas na pandemia. Muitas fotos, tempo produtivo.”

Fonte: (Dados da pesquisa, 2023).

Conforme podemos perceber no quadro 02 alguns relatos enfatizaram o interesse por plantas como reflexo da pandemia de Covid-19. Em decorrência do isolamento social, novos hábitos e rotinas foram criados, mudados, refeitos, na vida das pessoas e das famílias. De acordo com a ONU (2020), doenças como depressão, ansiedade, tristeza profunda afetaram pessoas nesse período. Alguns estudos destacam sobre os efeitos positivos quando as pessoas possuem contato com o verde, com a natureza, resultando em diminuição do estresse, ansiedade, assim como aumento da felicidade, melhoria da saúde mental, melhoria em doenças cirúrgicas, entre outros benefícios (KENIGER et al., 2013; BUCKLEY, 2020; FAGERHOLM et al., 2020). O contato com a natureza está associado ao bem-estar (MARTIN et al., 2020). Observou-se que, algumas pessoas que participaram da pesquisa enfatizaram uma relação de promoção da saúde, através de um estado mental de tranquilidade e redução de estresse. Ou até mesmo pela possibilidade de ter uma farmácia natural em casa.

O cultivo de plantas na pandemia representou para muitos participantes a concretização de uma vontade antiga. Um discurso recorrente foi: *“...antes existia muita vontade, mas faltava tempo e havia muito receio de não conseguir ter sucesso com as plantas”*. Para alguns respondentes, a pandemia trouxe a descoberta de um hobby. Os relatos também revelaram que a maioria dos respondentes que já possuíam plantas antes da pandemia, aumentaram o número de plantas em casa e passaram a intensificar o contato com as plantas após o início da pandemia. Esse fato pode ser entendido como um refúgio, como algo que já era prazeroso e conhecido por lhe proporcionar bem-estar e distração.

Quadro 03 - Sensações percebidas da interação pessoas-plantas

Sensações percebidas da interação pessoas-plantas



“Por estar trabalhando em home office, e, de alguma forma, me sentir muito sozinho, penso que as plantas me passam uma sensação de companhia. É muito bom ver uma muda se transformar em uma bela flor. Acompanhar todas as etapas do crescimento das plantas é algo mágico e filosófico.”

“Tenho trabalhado muito no meu jardim e também tenho adquirido novas espécies. Eu, também, comecei a ter mais contato com as plantas depois da pandemia. Eu comecei a ter mais contato com elas e assim sentir como elas se comunicam com nós seres humanos.”

“Principalmente, no início da pandemia elas tiveram uma grande importância para o equilíbrio emocional de toda família.”

“Afetiva. Passo tanto tempo trancado que cuido delas como se fossem minhas filhas. Viraram verdadeiras companheiras.”

“Muito importante, principalmente que tivemos perda na família por conta da pandemia. Então tem sido um alento ter minhas plantas comigo. Acabei aumentando minha coleção e passando mais tempo cuidando das minhas plantas.”

“Muda tudo, não acha? Enche nos olhos de alegria, retira as toxinas do ambiente, fonte de oxigênio e tira as energias negativas da nossa casa. É o que eu acredito!”

“Foi o impulso para trazer vida e ocupação na clausura.”

“Elas trouxeram mais paz, alegria e esperança para dentro de casa. Trouxeram mais significado para a vida.”

“Muito intensa, me distraem em meio a tanta tristeza na pandemia.”

“Tenho depressão e elas trazem alegria para dentro de casa, um ótimo passatempo.”

“As plantas são seres vivos que nem a gente, né... Observar e cuidar das minhas plantas é algo que me traz muita sabedoria. Me ensina que tudo na vida tem o tempo certo, tem o tempo de florescer. Mas, também temos o tempo de colher os frutos e sementes... E tem ainda que há o tempo de secar, retroceder para renascer... As plantas nos ensinam sobre os ciclos da vida, elas falam sobre nossa finitude”

“Ao longo do tempo o que mais aprendi com as plantas é que elas são resilientes e se adaptam a várias situações. Adoro ver aquelas árvores com troncos retorcidos que resistiram a força do vento, flores que nascem entre pedras ou brechas do asfalto, verdadeiras obras de arte vivas. Quem nunca viu, uma lindeza dessas?! As plantas são extremamente inteligentes e sabem buscar os melhores caminhos para crescer... Mudam totalmente de aparência diante de estímulos diferentes e isso tudo vai me ensinando sobre meus próprios obstáculos da vida.”

“Quando perdi meu companheiro, fiquei muito triste, tive depressão e nada me importava mais... Minhas plantas ficaram totalmente desprezadas, muitas morreram... Só à medida que fui me recuperando, que fui percebendo o quanto aquilo me fazia bem. Eu adoro ver as minhas flores ao me levantar cedinho, aquilo é um testemunho que a vida continua e se renova a cada dia”

Fonte: (Dados da pesquisa, 2023).



ARRUDA, E. M.; NÓBREGA, F. S.; SOUZA, T. R. S.; ABREU, N. R. Reflexos do urban jungle no bem-estar subjetivo em tempos de pandemia da covid-19. *Revista Semiárido De Visu*, V. 12, n. 2, p. 876-894, maio 2024. ISSN 2237-1966.

Assim, dividir espaços com plantas, as pessoas podem desfrutar de benefícios como ar puro disponibilizado, que proporciona relaxamento e prazer (CANTOR et al., 2013). Essa forma de dividir espaços com o verde, tem recebido uma maior atenção de áreas como saúde e design (YIN et al., 2018). Pessoas que visualizam verde em casa, mostram mais atividades do cérebro associadas a sensação de conforto, relaxamento e melhoria de humor (ELSADEK et al., 2019). Dessa forma, podemos entender que na maior parte das vezes as pessoas que já cultivam plantas naturais em casa acreditam nos benefícios à saúde e no prazer proporcionado pelo cultivo e tempo dedicado a elas.

Percebe-se por parte dos respondentes uma tendência a assumir o comportamento pró-ambiental, conforme Steg e Vlek, (2009) é um comportamento que possui a finalidade de impactar e prejudicar o meio ambiente o mínimo possível, bem como proporcionais benefícios para o mesmo. Na maioria das vezes, esses comportamentos, são baseados em ideologias de defender o meio ambiente (STERN, 2000). O contato com a natureza promove benefícios, biológicos, socioculturais e psicológicos (FEITOSA, 2014), nesse trabalho é ressaltado os benéficos percebidos pelos respondentes, em destaque para os benefícios psicológicos.

No tocante ao Bem-Estar Subjetivo (BES), a pesquisa corrobora para o entendimento do BES como algo complexo e multifacetado. O bem-estar vai muito além da concretização de aquisições materiais. O sentimento de bem-estar está ligado ao desenvolvimento de relações sociais e familiares, satisfação no trabalho, saúde, disposição física, autonomia, entre outros aspectos (WOYCIEKOSKI et al., 2012). Nesse sentido, diferente de outros tipos de consumo, o cultivo de plantas não é uma relação estritamente material. Apoiado no relato dos respondentes, o ato de cuidar de plantas em casa é um ato imbuído de aspectos emocionais, tangenciado pela interação com outras formas de vida: *“Tenho muitas plantas e todas tem uma história especial, ou ganhei de alguém ou peguei uma muda de algum passeio ou lugar que passei”, “Adoro ver as minhas plantas e a dos vizinhos e amigos crescendo lindamente, me dá prazer, fico admirada”, “Tenho muitos amigos e amigas que nasceram do ato de cuidar de plantas, nosso grupo do WhatsApp é tudo de bom”*.

Os respondentes evidenciaram que a interação com plantas é muito mais que uma relação material ou posse. O prazer reside também no simples ato de contemplação e na possibilidade de estar próximo das plantas em espaços públicos ou particulares. Acrescidos a esse sentimento, o bem-estar resultante ainda pode ser maior quando associado ao ato de cuidar e ter sucesso com o crescimento de outro ser vivo sob sua responsabilidade.

Somados a isso, pessoas que cultivam plantas podem sentirem mais felizes também pela interação social com outras pessoas com interesse em comum. Um dilema levantado durante o grupo focal foi sobre a preocupação de deixar as plantas sobre os cuidados de terceiros ao precisar se ausentar de casa por razão de viagem. Alguns participantes falaram que sentem como se fossem ter que *“deixar sua criança sob cuidados de outrem”* e que geralmente acabam tendo dificuldades de encontrar pessoas que não somente se disponibilize a ajudar, mas principalmente que goste e entendam de plantas a ponto de cuidá-las adequadamente. Um dos participantes ainda destacou *“cada pai/mãe de planta sabe exatamente os dramas e melindres de suas filhas, já quase perdi*



ARRUDA, E. M.; NÓBREGA, F. S.; SOUZA, T. R. S.; ABREU, N. R. Reflexos do urban jungle no bem-estar subjetivo em tempos de pandemia da covid-19. *Revista Semiárido De Visu*, V. 12, n. 2, p. 876-894, maio 2024. ISSN 2237-1966.

plantas ao ficar fora de casa. É sempre um dilema para mim e já deixei de viajar também por não ter com quem confiasse deixar minhas plantas". Através de relatos como este, percebemos o quanto as plantas passam a integrar a vida dessas pessoas numa espécie de self estendido.

Para Albuquerque e Tróccoli (2004), o bem-estar subjetivo possui duas dimensões, cognitiva e afetiva. A dimensão cognitiva trata-se da satisfação com a vida, indicadores e metas que cada indivíduo traça como parâmetro de vida feliz. Já a dimensão afetiva está relacionada a hábitos e comportamentos que nos trazem emoções positivas, sentimentos e recordações. Sendo assim, balizados nos relatos aqui trazidos, pode-se entender o cultivo de plantas, em essência, como desencadeadores de bem-estar subjetivo na dimensão afetiva. Alguns respondentes ainda relataram maior sentimento de bem-estar no home office quando intercalado com a possibilidade de mais tempo dedicado as plantas.

Os benefícios da interação pessoas-plantas em casa pode ser entendido como algo intrínseco a cada indivíduo. Cada pessoa, pode-se apresentar-se mais ou menos sensível ao tema e possuir motivações diversas para gostarem de plantas em casa. Bem-estar subjetivo pode ser manifestado de diversas maneiras e pode possuir diversos desencadeadores. Alguns hábitos e paixões, como o aqui estudado, tem sido explicados sob a ótica do BES.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como motivação inicial buscar percepções comportamentais de cuidadores de plantas e os impactos dessa interação em período de pandemia. Embora haja diversos estudos voltados para benefícios das plantas para saúde das pessoas e aspectos ambientais envolvidos. O estudo trouxe como diferencial a investigação de emoções e subjetividades associadas ao cultivo de plantas em casa e apartamentos numa capital do nordeste do país.

Através do estudo, percebemos que as pessoas podem cultivar plantas em casa por diversos motivos, desde fins mais utilitaristas como ervas medicinais e espécies alimentícias, como também por fins ornamentais. Ou, até mesmo como uma forma de preservar tradições familiares e memórias afetivas. Em todos os casos ficou evidenciável o como o ato de cuidar de plantas afeta no bem-estar subjetivos das pessoas.

Por meio da análise dos dados, alguns aspectos mais subjetivos ficaram em foco. Tais como o fato de que ter plantas em casa e o ato de cuidar delas é algo carregado de significado. Paramuitos praticantes da jardinagem esse sentimento de paternidade/maternidade perpassa pelo desenvolvimento de diversas potencialidades humanas como senso de responsabilidade, disciplina, carinho, desafio e cuidado. Além disso, sob os aspectos sociais, o interesse por plantas pode também intensificar o sentimento de identidade de um grupo social, gerar amizades, contribuindo para o senso de pertencimento e bem-estar subjetivo. Sob o ponto de vista do consumo, o interesse por plantas pode se comparar a outros tipos de consumo. Consumo marcado pelo estímulo de colecionar espécies, comprar materiais de jardinagem, trocar mudas de plantas e interagir com outras pessoas.

Vale ressaltar ainda que alguns participantes associaram o ato de cuidar de plantas a um melhor entendimento do ciclo da vida ou ainda como momentos de felicidade e bem-estar



ARRUDA, E. M.; NÓBREGA, F. S.; SOUZA, T. R. S.; ABREU, N. R. Reflexos do urban jungle no bem-estar subjetivo em tempos de pandemia da covid-19. *Revista Semiárido De Visu*, V. 12, n. 2, p. 876-894, maio 2024. ISSN 2237-1966.

por poder acompanhar o desenvolvimento e crescimento de uma planta. Muitas vezes, o cultivo de plantas atua como uma terapia para combater o estresse, depressão, ansiedade, etc.

Diante de situações como a pandemia de covid-19 muitas pessoas encontraram no ato de cultivar plantas em casa um refúgio para diminuir a tristeza provocada por perdas e notícias ruins. Para outras, transformou-se em um passatempo, uma forma de se distrair durante o período de isolamento social. Em muitos casos, houve a descoberta de um hobby ou concretização de uma vontade antiga. Vale frisar que em todos os casos foram identificados um contato anterior com plantas ou um desejo previamente existente à pandemia.

Por fim, consideramos parcialmente verdadeiro o pensamento defendido inicialmente no estudo. Pois é importante frisar que nem todas pessoas relataram maior interesse pelas plantas por conta da pandemia e nem perceberam influência no seu bem-estar psicológico por estar cuidando de plantas durante o período de pandemia.

Concluimos que a pandemia pode ter atuado muito mais como incentivador ao criar um cenário mais favorável para pessoas se dedicarem com mais intensidade a suas plantas ou apresentou-se para os iniciantes como uma oportunidade de se arriscarem no mundo das plantas. Contudo, o crescente interesse por plantas, principalmente entre o público jovem, residentes em apartamentos, podem ser compreendidos como resultado de movimentos já consolidados que ressignificam o sentido de bem-estar na moradia, como *urban jungle* e biofilia. Sendo assim, consideramos o *Urban Jungle* como uma das principais tendências de comportamento e consumo nos grandes centros urbanos e a pandemia tem representado para muitas pessoas o pontapé inicial que faltava para desenvolver uma relação mais profunda com as plantas. Por fim, muitas pessoas que colaboraram com este estudo se demonstraram sensíveis a temática trabalhada e atribuem sensação de bem-estar e felicidade ao ter plantas dentro de suas casas e apartamentos.

Limitações e estudos futuros

Entre as possíveis limitações encontradas na realização deste estudo, devemos enfatizar alguns pontos. Os participantes da entrevista são residentes da região metropolitana de João Pessoa, capital da Paraíba. Dessa forma, aos achados aqui discutidos podem não ser representativos para diferentes regiões do país. Outro aspecto que merece ressalva é sobre o grau de envolvimento dos respondentes com a temática em foco. Pois, o estudo não contemplou critérios adequadamente precisos que pudessem categorizar os diferentes níveis de experiência dos participantes com o tema. O grau de envolvimento com tema e consequente participação na pesquisa foi ato autodeclarativo por parte dos participantes que contaram com ajuda e esclarecimento por parte dos autores sobre os objetivos da pesquisa. Estudos futuros podem melhor categorizar os diferentes tipos de praticantes de jardinagem doméstica.

Como sugestão para próximos estudos, recomenda-se novas pesquisas com outros recortes que ajude na exploração do tema. Como, por exemplo, pessoas que morem em apartamentos em grandes centros urbanos do Brasil e que possuam quantidade de plantas o suficiente para os caracterizarem como praticantes de “urban jungle”. Ou ainda, analisar aspectos comportamentais



ARRUDA, E. M.; NÓBREGA, F. S.; SOUZA, T. R. S.; ABREU, N. R. Reflexos do urban jungle no bem-estar subjetivo em tempos de pandemia da covid-19. *Revista Semiárido De Visu*, v. 12, n. 2, p. 876-894, maio 2024. ISSN 2237-1966.

entre amantes de plantas sob o ponto de vista do conceito de tribo de consumo com fundamentação teórica na Teoria de Cultura de Consumo. Estudos futuros poderão ter outros focos como explorar aspectos ambientais entre praticantes do urban jungle, entre outras possíveis relações. Por fim, acreditamos que estudos futuros poderão ser enriquecidos utilizando-se de métodos de coleta de dados como etnografia e história de vida.

Referências

ALBUQUERQUE, A., & TRÓCCOLI, B. T. *Desenvolvimento de uma escala de bem-estarsubjetivo*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 20(2),153-164. 2004.

BARROZO, Leandra Matos et al. Interesse da População pela Jardinagem Durante o Isolamento Social na Pandemia da Covid-19. *LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, v. 25, n. 3, p. 71-99, 2022.

BELDADE, Joana Rita do Brito. *As plantas e o bem-estar humano em ambientes extremos*. 2015. Tese de Doutorado.

BEZERRA, A. ET. AL. *Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19*. 2020. Disponível em <<http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/fatores-associados-ao-comportamento-da-populacao-durante-o-isolamento-social-na-pandemia-de-covid19/17551>>. Acesso em 11 de jun. 2021.

BELK, R. W. *Possessions and extended self*. Journal of Consumer Research, v. 15, n. 2, p.139-168, 1988. <https://dx.doi.org/10.1086/209154>.

BRINDLEY, P.; JORGENSEN, A.; MAHESWARAN, R. *Domestic gardens and self-reported health: a national population study*. Int J Health Geogr 17, 31 (2018). <https://doi.org/10.1186/s12942-018-0148-6>.

BRINGSLIMARK, T.; HARTIG, T.; PATIL, G. G. (2009). *The psychological benefits of indoor plants: A critical review of the experimental literature*. Journal of Environmental Psychology 29 (4), 422-433. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2009.05.001>.

BRICKMAN, P.; CAMPBELL, D. T. *Hedonic relativism and planning the good society*. Nova York: Academic Press, 1971.

BUCKLEY, R. Nature tourism and mental health: parks, happiness, and causation. *Journal of Sustainable Tourism*, v.28, n.9, p.1409-1424, 2020.

CANTOR, B.E.M.; SINGUREANU, V.; HUSTI, A.; HORT, D.; BUTA, M. Ornamental plants used for improvement of living, working and studying spaces microclimate. *ProEnvironment*, v.6, p.562-565, 2013.

CASTELLÓ, E.; MIHELJ, S. Selling and consuming the nation: Understanding consumer nationalism. *Journal of Consumer Culture*. 18(4), 558-576, 2018. <https://doi.org/10.1177/1469540517690570>.

CARDOSO, Adauto Lucio. Trajetórias da questão ambiental urbana: da Rio 92 às Agendas 21 locais. *Revista Paranaense de Desenvolvimento-RPD*, n. 102, p. 51-69, 2002.

DA SILVA, Joelmir Marques. Um passeio pela história dos jardins e um olhar para a criação dos primeiros jardins modernos do Brasil. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 13, n. 156, p. 113-126, 2014.

DENG, L., DENG, Q. The basic roles of indoor plants in human health and comfort. *Environ Sci Pollut Res* 25, 36087-36101 (2018). <https://doi.org/10.1007/s11356-018-3554-1>.



DIENER, E. Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95(3), 542-575, 1984. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.95.3.542>.

_____. Subjective well-being: The science of happiness and a proposal for a national index. *American Psychologist*, 55(1), 34-43, 2000. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.1.34>.

DIENER, E.; OISHI, S.; TAY, L. *Advances in subjective well-being research*. *Nature Human Behaviour*, 2(4), 253-260, 2018.

ELSADEK, M.; LIU, B.; LIAN, Z. Green façades: their contribution to stress recovery and well-being in high density cities. *Urban Forestry and Urban Greening*, Article 126446, v.46, 2019.

ENGLISH, T.; CARSTENSEN L. Socioemotional selectivity theory. In: *A Pachana Encyclopedia of Geropsychology*. Singapore: Springer Singapore. 2015.

FAGERHOLM, N.; MARTÍN LÓPEZ, B.; TORRALBA, M.; OTEROS ROZAS, E.; LECHNER, A.M.; BIELING, C.; STAHL OLAFSSON, A.; ALBERT, C.; RAYMOND, C.M.; GARCIA MARTIN, M.; GULSRUD, N.; PLIENINGER, T. Perceived contributions of multifunctional landscapes to human well being: Evidence from 13 European sites. *People and Nature*, v.2, n,1, p. 217-234, 2020.

FEITOSA, V. A. A horticultura como instrumento de terapia e inclusão psicossocial. *Revista Verde Pombal*, v. 9, n. 5, p. 7-11, 2014. FUNDAÇÃO OSVALDO CRUZ. Coronavírus.

FRUMKIN H. ET AL. Nature Contact and Human Health: A Research Agenda. *Environ Health Perspect*. 2017 Jul 31;125(7):075001. doi: 10.1289/EHP1663. PMID: 28796634; PMCID: PMC5744722.

GABRIEL, Y; LANG, T. New faces and new masks of today's consumer. *Journal of Consumer Culture*. v. 8, n. 3, p. 321-340, 2008. <https://doi.org/10.1177/1469540508095266>.

GUIMARÃES, E. M.; GANSKE, M. C. Morar em 2025: um estudo sobre a verticalização das cidades, o potencial do lixo orgânico e o reuso de recursos naturais em ambientes residenciais compartilhados. 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, outubro de 2016, num. 2, vol. 9. Disponível em <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/ped2016/0262.pdf>. Acesso em 11 de jun. 2021.

HOLBROOK, M. B. Nostalgia and consumption preferences: some emerging patterns of consumer tastes. *Journal of Consumer Research*, v. 20, n.2, p. 245-256, 1993.

HOLBROOK, M. B; SCHINDLER, R. M. Nostalgic bonding: exploring the role of nostalgia in the consumption experience. *Journal of Consumer Behaviour*, v. 3, n. 2, p. 107-127, 2003.

HOMAN, K. J. Self-compassion and psychological well-being in older adults. *Journal of Adult Development*, 23, 111-119, 2016. <https://doi.org/10.1007/s10804-016-9227-8>.

HUTZ, C. S.; ZANON, C.; BARDAGI, M. P. Satisfação de Vida. In: HUTZ, C. S. (Org.). *Avaliação em Psicologia Positiva*. Porto Alegre: Artmed, 2014, cap. 3, p. 43-47.

JYRINKI, H. Pet-related consumption as a consumer identity constructor. *International Journal of Consumer Studies*, v. 36, n. 1, p. 114-120, 2012

JOSIFOVIC, I.; GRAAFF, J. Urban Jungle Bloggers. Disponível em: <https://www.urbanjunglebloggers.com/about/>. Acesso em 11 de jun. 2021.

JUNQUEIRA, Antonio Hélio; PEETZ, Marcia Silva. Plantas ornamentais para ambientes interiores sustentam o desempenho da floricultura na pandemia. *Agriannual: Anuário da Agricultura Brasileira* 2021. p. 286-289. São Paulo: IHS Markit, 2020.

JUNQUEIRA, Antonio Hélio; PEETZ, Marcia Silva. Consumo de flores e plantas ornamentais: resiliência e superação em contextos pandêmicos e pós- pandêmicos. *Agriannual: Anuário da*



ARRUDA, E. M.; NÓBREGA, F. S.; SOUZA, T. R. S.; ABREU, N. R. Reflexos do urban jungle no bem-estar subjetivo em tempos de pandemia da covid-19. *Revista Semiárido De Visu*, v. 12, n. 2, p. 876-894, maio 2024. ISSN 2237-1966.

Agricultura Brasileira 2022. p. 286-289. São Paulo: IHS Markit, 2021

KENIGER, L.; GASTON, K.; IRVINE, K.; FULLER, R. What are the Benefits of Interacting with Nature? *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v.10, n.3, p.913-935, 2013. LEVY, S. Symbols for sale. *Harvard Business Review*, v. 37, n. 4, p. 117-124, 1959.

MENDONÇA, H.; Ferreira, M. C.; Caetano, A.; Torres, C. V. Cultura organizacional, coping e bem-estar subjetivo: um estudo com professores de universidades brasileiras. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, v.14, n.2, p. 230-244, 2014.

MOGILNER, C. It's time for happiness. *Current Opinion in Psychology*, 26, 80-84, 2019. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2018.07.002>.

NUNES, Kester Jonathan DS. BIOFILIA APLICAÇÃO NA ARQUITETURA, E BENEFÍCIOS AO BEM-ESTAR HUMANO. *Anais da Semana Universitária e Encontro de Iniciação Científica (ISSN: 2316-8226)*, v. 1, n. 1, 2022.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. Medidas não farmacológicas de saúde pública para mitigação de risco e impacto de epidemias e pandemias de influenza. 2020b. 86p. Versão oficial em Português da obra original em Inglês. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52044/9789275722220_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 11 de jun. 2021.

PIACENTINI, M; MAILER, G. Symbolic consumption in teenagers' clothing choices. *Journal of Consumer Behaviour*, v. 3, n. 3, p. 251-262, 2004

PORTO, A.B. ET AL. Que planta te importa? Um relato de caso sobre o significado das plantas para as pessoas. *Ethnoscintia*, v.6, n.1, 2021. D.O.I.: 10.18542/ethnoscintia.v6i1.10467.

REIS, S. N.; REIS, M. V.; NASCIMENTO, A. M. P. Pandemic, social isolation and the importance of people-plant interaction. *Review Article. Ornam. Hortic.* 26 (3) • Jul-Sep 2020. <https://doi.org/10.1590/2447-536X.v26i3.2185>.

RYAN, J. C. Botanical memory: Exploring emotional recollections of native flora in the Southwest of Western Australia. *Emotion, Space and Society*, v. 8, p. 27-38, 2012.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. Metodologia de Pesquisa. (Ebook). Tradução: MORAES, D. V. 5. Ed. Dados Eletrônicos - Porto Alegre: Penso, 2013.

SHETH, J. Impact of Covid-19 on consumer behavior: Will the old habits return or die?. *Journal of Business Research*, v. 117, p. 280-283, 2020. DOI: 10.1016/j.jbusres.2020.05.059.

SIQUEIRA, M. M. M.; PADOVAM, V. A. R. Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 24, n. 2, p. 201-209, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000200010>.

SOUZA, Rosana Alves; PEZZINI, Camila. Neuroarquitetura: Design biofílico aplicado ao espaço construído e o impacto no aspecto mental e físico do indivíduo. *Revista Thêma et Scientia*, v. 11, n. 2E, p. 334-352, 2021.

THULER, L.C. S.; MELO, A. C. Sars-CoV-2/Covid-19 em Pacientes com Câncer. *Revista Brasileira de Cancerologia*. v. 66, n. 2, p. e-00970, 9 abr. 2020. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/revista/index.php/revista/article/view/970>. Acesso em 11 de jun. 2021.

TOTH, G.; SZIGETI, C. The historical ecological footprint: from over-population to overconsumption. *Ecological Indicators*, 60, 283-291, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.ecolind.2015.06.040>

VIEBRANTZ, Petra Barbara. Percepção dos utilizadores dos jardins da Alameda e da Estrela:



ARRUDA, E. M.; NÓBREGA, F. S.; SOUZA, T. R. S.; ABREU, N. R. Reflexos do urban jungle no bem-estar subjetivo em tempos de pandemia da covid-19. *Revista Semiárido De Visu*, V. 12, n. 2, p. 876-894, maio 2024. ISSN 2237-1966.

associação das características dos jardins no bem-estar e na qualidade de vida. 2019. Tese de Doutorado.

WILSON, E. (1989). *Biofilia*. México: Fondo de Cultura Económica.

WOYCIEKOSKI, C., STENERT, F., & HUTZ, C. Determinantes do bem-estar subjetivo. *Psico*, 43(3), 280-288. 2012.

YIN, J.; ZHU, S.; MACNAUGHTON, P.; ALLEN, J.G.; SPENGLER, J.D. Physiological and cognitive performance of exposure to biophilic indoor environment. *Building and Environment*, v.132, n.3, p.255-262, 2018.

YU, J. *ET AL*. Recent understandings toward Coronavirus disease 2019 (COVID-19):from bench to bedside. *Frontiers in Cell Development Biology*, v.8, n.476,020.

<https://doi.org/10.3389/fcell.2020.00476>.

ZANON, C.; HUTZ, C. S. Escala de afetos positivos e afetos negativos (PANAS). In: HUTZ, C. S. (Org.). *Avaliação em Psicologia Positiva*. Porto Alegre: Artmed, 2014, cap. 5, p.63-67.

ZALEWSKA, J. Consumer revolution in people's Poland: Technologies in everyday life and the negotiation between custom and fashion (1945-1980). *Journal of Consumer Culture*, v. 17, n. 2, p. 321-339, 2015.